



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol.6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

DOI: <https://doi.org/10.20873.aprendersendo>

“APRENDER-SENDO”: A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADA A PARTIR DO CURSO ACADEMIA PRETA DECOLONIAL

“APRENDER-SENDO”: THE CONSTRUCTION OF A TRANSFORMED EDUCATION BASED ON THE ACADEMIA PRETA DECOLONIAL COURSE

“APRENDER-SENDO”: LA CONSTRUCCIÓN DE UNA EDUCACIÓN TRANSFORMADA A PARTIR DEL CURSO ACADEMIA PRETA DECOLONIAL

Leila Sousa¹
Michelly Carvalho²

RESUMO:

Este texto constitui um relato de experiência a respeito do Curso de Extensão Academia Preta Decolonial – Epistemologias e Metodologias Antirracistas. O Curso nasce em 2020, no auge da pandemia de Covid 19, como caminho de resistência e formação política-crítica, sustentada na “cidadania científica” (MALDONADO, 2011) e alicerçada no “Aprender-sendo” (SOUSA, 2021). O curso ocorre virtualmente e já está na sua terceira edição. Nas duas últimas, contou com o apoio institucional da Unesco através da Cátedra Educação Superior e Povos Indígenas e Afrodescendentes na América Latina, por meio da Iniciativa para a Erradicação do Racismo na Educação Superior.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pelo PPGCC/ Unisinos, com estágio doutoral na Universidade Autônoma de Barcelona. Professora Adjunta do curso de Jornalismo da UFMA, campus Imperatriz. Vice-coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Comunicação, Gênero e Feminismos - Maria Firmina dos Reis. E-mail: sousa.leila@ufma.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9312604992263679>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2335-0858>

² Professora e Coordenadora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (Imperatriz – MA), Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Extensão em Comunicação, Gênero e Feminismos – Maria Firmina dos Reis. E-mail: michelly.carvalho@ufma.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4319-7400>



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

PALAVRAS-CHAVE: Academia Preta Decolonial; educação antirracista; Núcleo Maria Firmina dos Reis.

ABSTRACT

This text constitutes an experience report regarding the education outreach Academia Preta Decolonial – Epistemologies and Anti-racist Methodologies. The course was established in 2020, at the height of the Covid 19 pandemic, as a path of resistance and political-critical training, sustained by “scientific citizenship” (MALDONADO, 2011) and grounded in “Aprender-sendo”(SOUSA, 2021). The course takes place virtually and is already in its third edition. The last two courses, it had the institutional support of Unesco through the Chair Higher Education and Indigenous and Afro-descendant Peoples in Latin America and through the Initiative for the Eradication of Racism in Higher Education.

KEYWORDS: Academia Preta Decolonial; anti-racist education; Núcleo Maria Firmina dos Reis.

RESUMEN

Este texto constituye un relato de experiencia al rededor el Curso de Extensión Academia Preta Decolonial – Epistemologías y Metodologías Antirracistas. El Curso nació en 2020, en plena pandemia del Covid 19, como um camino de resistencia y formación político-crítica, sustentado en la “ciudadanía científica” (MALDONADO, 2011) y fundamentado en el “Aprender-sendo” (SOUSA, 2021). El curso se desarrolla de manera virtual y yava por su tercera edición. En las dos últimas contó com el apoyo institucional de la Unesco a través de la Cátedra Educación Superior y Pueblos Indígenas y Afrodescendientes en América Latina, por medio de la iniciativa para la Erradicación del Racismo en la Educación Superior.

PALABRAS CLAVE: Academia Preta Decolonial; educación antirracista; Núcleo Maria Firmina dos Reis.

1. INTRODUÇÃO

O projeto Academia Preta Decolonial: epistemologias e metodologias antirracistas existe desde 2020. Trata-se de um curso de extensão e de formação Antirracista gratuito e em formato remoto oferecido pela Universidade Federal do Maranhão, através do Núcleo de estudos e pesquisas Maria Firmina dos Reis. O curso surge a partir de observações decorrentes da nossa prática de ensino, ao



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

notarmos o desconhecimento que estudantes demonstravam ter sobre referências intelectuais acadêmicas, literárias e artísticas não brancas.

A Academia Preta surge, então, como um curso que permite refletir e denunciar “epistemicídios” e exclusões/ normatizações diversas fomentadas pelas Instituições educacionais, desde a Educação Básica até o Ensino Superior. E, ainda, para refletir, produzir e disseminar outras epistemes e bases metodológicas, confrontando e desestabilizando a noção de hierarquia de saber e da existência de um saber único. Sobre o silêncio e a invisibilidade acerca da produção intelectual e literária de autores negros, Conceição Evaristo (2009) diz que a influência e a existência de pesquisadores e críticos literários afro-brasileiros foram negadas, inclusive, nos livros escolares.

Esse monopólio do saber e do poder, no Brasil, negou a produção literária de pessoas negras, como da literata Maria Firmina dos Reis, escritora homenageada pelo nosso Núcleo. Mulher negra, maranhense, jornalista e professora natural da cidade de São Luís. Ela escreveu “Úrsula”, em 1859, 29 anos antes da abolição da escravidão. Considerada a primeira romancista brasileira, sua obra foi elaborada e publicada no Brasil, mas por conta do isolamento e da perseguição sofrida por escritores negros, se escondeu pelo codinome “uma maranhense” e teve sua produção invisibilizada até hoje (SANTANA, 2019, p. 22).

No Brasil, o acesso à educação pelos negros não é atravessado apenas por questões de classe. Sueli Carneiro (2005) destaca que o sistema educacional brasileiro foi arquitetado para assegurar privilégios de raça e de classe. A autora usa o conceito “epistemicídio”, cunhado por Boaventura de Souza Santos, para auxiliar na compreensão de como os dispositivos de poder estão organizados e formatam os ambientes educacionais³ para reproduzirem e naturalizem as desigualdades raciais.

³ A autora compreende a educação como mecanismo de ascensão ao poder e de supressão de desigualdades para a população mais vulnerável (CARNEIRO, 2005).



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

Essa ação faz com que a capacidade intelectual da população negra seja constantemente questionada e que ela não se reconheça no espaço escolar.

No Brasil temos 55,8% da população negra, no entanto, esse valor passa longe de refletir a realidade da ocupação de cargos de poder e acesso igualitário aos cursos de ensino superior. Muito menos garantem representação positiva e diversa dessa população na narrativa midiática. A exclusão de pessoas negras se torna evidente quando olhamos para os dados de uma pesquisa realizada pelo jornal Folha de São Paulo com referência a presença de negros e negras nas bases de 2018 da CAPES. A partir de um comparativo entre regiões do país, percebe-se que o Norte é a região com maior quantidade de negros na pós-graduação (61,2%), equivalendo a 4 mil alunos. Em contrapartida, a região Sudeste, que concentra a maior quantidade de cursos de pós-graduação, é a que apresenta o menor percentual de estudantes negros matriculados (21,2%), 11,6 mil alunos (RIGHETTI; GAMBA; BOTTALLO, 2020, online, n/p).

Neste sentido, a Academia Preta Decolonial constitui um projeto de formação política-crítica que se sustenta na “cidadania científica” (MALDONADO, 2011). Na tentativa direta de descentralizar o saber e de desestabilizar a hierarquização de conhecimentos. Para Maldonado (2011, p. 07, adaptado) a “cidadania científica”, está relacionada à ação de “investigar, experimentar, criar, projetar, planejar, programar e produzir conhecimento [que] deve ser nutrida por concepções e projetos que apresentem possibilidades de novas configurações educativas, acadêmicas, investigativas e políticas”. Essa cidadania científica foi negada como direito para a população negra, que teve suas produções científicas, literárias e artísticas marginalizadas, esquecidas e segregadas como referência na lógica supremacista de produção de conhecimento (MOURA, 1988; 1994).

A ética do projeto da Academia Preta é a de resistência, de produzir e de compartilhar outras lógicas de cidadania, especialmente a cidadania que se efetiva



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

pelo direito à fala, se fazer ouvido, se fazer conhecer, de elaboração de saberes ancestrais, pluri diversos. De reivindicar e de ocupar espaços e de denunciar e nomear o racismo, o machismo e a cis-hetero-normatividade no ambiente educacional brasileiro. Elaborar epistemologias e metodologias desde outras bases que se sustentem em ações antirracistas e anti-cis-sexistas é nosso objetivo maior.

2. CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E ANTI-CIS-SEXISTA: A PRIMEIRA EDIÇÃO DA ACADEMIA PRETA DECOLONIAL

A primeira edição da Academia Preta Decolonial aconteceu no ápice da Pandemia da Covid-19. Contou com pessoas inscritas de diversas partes do país e também de outros países como Portugal, Espanha, Cabo Verde, Colômbia, São Tomé e Príncipe, Moçambique, entre outros. Ao todo, esta edição acolheu 12 módulos distribuídos entre temas diversos, mas que convergiam no sentido de promover reflexões e discussões sobre decolonialidade, apagamento e silenciamento de conhecimentos e referências, relações étnico-raciais e cis-hetero-normatividade. A ideia era, além de contemplar uma riqueza de temas, também fazer com que esses temas fossem ministrados por intelectuais das mais diversas regiões do Brasil.

Dessa forma, o curso foi majoritariamente ministrado por vozes femininas negras do nordeste, sul e sudeste. Assim, temos: mesa de abertura com o tema “ Encontro de saberes: a importância de epistemologias e metodologias antirracistas para a educação”; módulo 1-“Economia feminista e ecológica” – Profa. Mestra Gilvânia Ferreira (militante do MST); módulo 2 -“Decolonidade e pensamento afrodiaspórico” – Profa. Mestra Mariana Olisa e Profa. Dai Sombra; Módulo 3 - Mídia e racismo: combatendo a sub-representação preta e reposicionando o campo da comunicação” – Profa. Dra. Rosane Borges; Módulo 4 -“Feminismo negro e



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

literatura: as obras de bellhooks, ChimamandaAdichie, June Jordan e Conceição Evaristo” – Profa. Mestra Fernanda Bastos; Módulo 5 “Pensamento feminista afro-latino americano – profa. Doutoranda Andreia Marreiro; Módulo 6 “A produção literária de autoras negras brasileiras: tessituras de uma escrita insubmissa” – Profa. Dra. Francly Silva; Módulo 7 - “O perigo de uma história única” – Profa. Dra. Gabriela Barretto de Sá; Módulo 8 –“Contribuições metodológicas para a educação das Relações étnico-raciais” – Profa. Dra. Herli Carvalho; Módulo 9 - “Transexualidade negra e educação” – Profa. Dra. Leticia Nascimento; Módulo 10 - “Movimento negro educador: contribuições para uma educação antirracista” – Prof. Dr. Rosenverck Estrela; Módulo 11 - “Literatura preta: autoras negras em destaque” - Profa. Dra. Bianca Santana; Módulo 12 - “Alisando nosso cabelo: estética e poder” – Profa. Dra. Jéssica Carneiro.

Embora cada edição seja caracterizada por quantidade e temas de módulos diferentes, precisamos ressaltar a heterogeneidade dos perfis dos cursistas. Os inscritos são estudantes de pós-graduação, representantes de comunidades quilombolas, integrantes de NEABIS, professores de educação básica, donas de casa, pessoas em gozo de aposentadoria, entre outros. A imensa procura pelo curso foi uma resposta positiva e um sinal de alerta para a necessidade de continuidade do projeto e também sobre a demanda reprimida, a importância e a urgência de dialogar com intelectuais negros e latino-americanos, não só no curso de Comunicação Social, que tradicionalmente apresenta um currículo e oferta de disciplinas com referências e inspirações em sua maioria ocidentalizadas, europeias e norte-americanas, brancas e masculinas, mas também de outras áreas.

A vida acadêmica, nos moldes coloniais, estabelece como políticas o isolamento, a solidão e o distanciamento para que a produção possa fluir (hooks, 1995). Essa é uma realidade que as mulheres, especialmente as negras, não vivenciavam, porque a elas o trabalho intelectual sempre esteve em segundo plano:



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

vinha após a realização dos trabalhos domésticos e do cuidar, da casa, dos irmãos mais novos, dos companheiros, da família (hooks, 1995). Junto a isso, as mulheres negras, situadas em maior desigualdade e vulnerabilidade social, não possuíam ambientes propícios de moradia para usufruir do trabalho solitário. Além disso, o isolamento, nos moldes como é pensado, também significa o distanciamento das comunidades que nutrem essas mulheres não só emocionalmente, mas que também são espaços importantes para a produção e o compartilhamento de conhecimentos (hooks, 1995).

Nesse sentido, outra dimensão fundamental do projeto de extensão Academia Preta Decolonial é acionada: ser um espaço de acolhimento, de identificação e reconhecimento para as pessoas poderem não só discutir e aprender sobre autores e teorias, mas, sobretudo, para encontrarem um espaço em que coloquem em evidência saberes ancestrais, familiares, coletivos, comunitários e que, assim, possam também reconhecer e reivindicar outros caminhos para a construção de uma educação antirracista e anticissexista.

Pelo incentivo à liberdade epistêmico-metodológica, sendo uma das bases fundamentais da Academia Preta Decolonial, as professoras que ministram cada um dos módulos podem propor formas diferentes de abordagem. Além disso, podem aproveitar o espaço para compartilharem reflexões, novos estudos em desenvolvimento, teorias que têm produzido junto aos grupos de pesquisa e de estudo e também para poderem tecer fios acerca de suas próprias histórias de vida, dos saberes e conhecimentos que foram construindo a partir das redes e relações familiares, afetivas, coletivas. É assim, por exemplo, que a “Pedagogia Afro-afetiva” construída pela professora Dra. Francy Silva (UFPB) foi ministrada em duas edições da Academia Preta. Francy, em diálogo profundo com a escritora bell hooks, conduz-nos a uma reflexão sobre a nossa própria prática como docentes e educadoras, sobretudo, ocupando um espaço elitista e segregador como a



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

Universidade.

A professora aborda a educação como uma dimensão ético-política da liberdade e da emancipação social a partir da própria escrita de vida – rememora como os marcadores de raça, gênero e território atravessam a sua subjetividade e foram também elementos fundamentais para a sua decisão de se tornar educadora e de lutar por uma Universidade mais plural, mais diversa, com respeito às diferenças e possa também ser um lugar de afeto, de acolhimento. Sobretudo para estudantes que sempre tiveram seus corpos classificados como fora do lugar, corpos indesejados, vigiados e controlados.

Através do que argumenta Patrícia Hill Collins (2019) sobre a construção de conhecimento desenvolvida por mulheres negras, que está fundamentada na própria vivência e numa análise macro, profunda e densa sobre como a sociedade se organiza e distribui privilégios, inclusive o “privilégio epistêmico” (COLLINS, 2019), sustentamos outra base que fundamenta os princípios do projeto de extensão Academia Preta: reverenciar e reivindicar os saberes que nascem sido produzidos desde outras bases. Saberes que extrapolam os muros e cânones acadêmicos e são fortalecidos de uma geração a outra, sobretudo, no cuidado ético e político que mães, avós, tias, mulheres, a base fundamental de determinadas comunidades, compartilham sobre o mundo e sobre as realidades com as gerações mais jovens.

O conhecimento que nasce da experiência vivida também é abordado nos estudos da intelectual latino-americana Ochy Curiel (2020). Na visão da autora, a experiência favorece a formação da consciência diante dos sistemas de opressão que atravessaram suas vidas desde o nascimento. Assim, as mulheres “deveriam investigar sua vida” (p. 131). Romper com o “privilégio epistêmico” sobre o qual Collins (2019) reflete inicialmente também significa “que a subalternidade precisa deixar de ser objeto e ser sujeito do conhecimento” (CURIEL, 2020, p. 132).

Ainda sobre a primeira edição da Academia Preta, reconhecemos a



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

importância sociopolítica do curso, no momento em que ele nasce, e nos módulos em que se sustenta. Diante da pandemia da Covid-19 que escancarou e ajudou a aprofundar as desigualdades sociais brasileiras, o curso parte de um propósito maior de descentralização do saber, de possibilidade de acesso a um curso de extensão gratuito, promovido por uma Universidade Pública e com carga horária de 40h. Sabemos que a realidade de acesso à internet é profundamente desigual no Brasil, por isso, o curso foi/é também disponibilizado para acesso offline, no momento e nas possibilidades que cada cursista possua.

Em termos de decisão metodológica as edições da Academia Preta Decolonial aconteceram exclusivamente digitalmente, por meio da plataforma YouTube e com apoio de sala virtual no Google Classroom – entendíamos que a partir dessas plataformas conseguiríamos alcançar o objetivo maior do curso que é a descentralização do conhecimento e a possibilidade de chegar às diversas regiões brasileiras e também a outros países. É importante ressaltar que construímos estratégias de segurança digital para o curso poder ser ofertado sem o perigo de invasões de grupos extremistas que utilizam a internet para disseminar e produzir discursos de ódio. Nesse sentido, os links de cada aula são protegidos e apenas disponibilizados para cursistas e professores. Também ficam disponíveis na conta do Núcleo Maria Firmina no YouTube apenas para visualização.

Já a plataforma Google Classroom, auxilia-nos porquê permite a criação de uma turma virtual na qual são compartilhados textos e materiais de apoio de cada módulo. A plataforma permite que nos comuniquemos com cursistas no auxílio com dúvidas, também para recebermos depoimentos e avaliações sobre cada módulo, e é um espaço no qual os cursistas têm a liberdade de também compartilhar conteúdo e materiais que considerem relevantes para os demais participantes.

3. AS POTÊNCIAS DAS VOZES E DOS SABERES MULHERES NA ACADEMIA PRETA DECOLONIAL



Nas três edições já realizadas da Academia Preta Decolonial destacamos uma decisão política importante: a participação majoritária de mulheres negras como ministrantes dos módulos. Nossa ideia é auxiliar a que essas vozes e saberes, construídos desde a experiência de mulheres que vivenciam realidades múltiplas em relação ao território, à sexualidade, à classe e aos atravessamentos de marcadores sociais, possam ser conhecidos e compartilhados entre quem faz parte da Academia Preta.

É assim, por exemplo, que a história de vida e os conhecimentos compartilhados pelas professoras vai também transformando a vida de quem cursa. Na segunda edição da Academia Preta solicitamos que as cursistas escrevessem cartas a uma pessoa contando sobre a experiência do projeto. Para a nossa surpresa e alegria, foram muitas as cartas que falaram sobre como o curso foi fundamental para o fortalecimento no enfrentamento às opressões em postos de trabalho, na Universidade, no re-direcionamento de experiências e carreiras profissionais, na reestruturação de disciplinas oferecidas nas escolas e como referência na produção teórica de Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses. Muitos foram os relatos que abordaram que a Academia Preta foi um divisor de águas para que muitas mulheres negras e periféricas pudessem enfim se enxergar como corpos-mentes que precisavam ocupar espaços nas Universidades – muitas cursistas foram aprovadas no final do ano de 2021 em Universidades brasileiras.

A segunda edição da Academia Preta Decolonial: Epistemologias e Metodologias Antirracistas, realizada no ano de 2021, contou com o apoio institucional da Unesco através da Cátedra Educação Superior e Povos Indígenas e Afrodescendentes na América Latina sediada, na Universidad Nacional de Tres de Febrero (UNTREF), por meio da Iniciativa para a Erradicação do Racismo na



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

Educação Superior. A proposta das campanhas realizadas pela Cátedra citada é acolher e auxiliar no desenvolvimento de propostas educacionais promovidas por Universidades da América Latina para o enfrentamento e a erradicação do racismo.

A segunda edição da Academia Preta Decolonial foi planejada por meio de nove módulos, além da mesa de abertura. Importante destacar que as mesas de abertura do curso contam sempre com a participação de pesquisadores/professores de referência local/ regional. A decisão epistêmico-metodológica parte da necessidade de fazer conhecer e valorizar professores e pesquisadores do Maranhão e Estados circunvizinhos que possam refletir sobre as interseccionalidades a partir de diferentes matrizes, entre elas, a do território e os atravessamentos que as realidades cotidianas conferem na vida e na experiência dos sujeitos.

Os nove módulos promoveram reflexões sobre os seguintes temas: 1. Pedagogia afroafetiva: uma experiência de emancipação – Profa. Dra. Francys Silva; 2. Moçambicidade audiovisual e cidadania – Prof. Dr. Fulgêncio Muchisse; 3. Perspectivas decoloniais/anticoloniais e o pensamento produzido por mulheres da América Latina em narrativas audiovisuais do Brasil e Equador – Profa. Doutoranda Andrea Rosendo; 4. Cosmopolíticas da racialidade: perspectivas pretas como crítica aos valores universais modernos – Prof. Dr. José Messias e Profa. Doutoranda Renata Nascimento; 5. Transfeminismo – Profa. Dra. Letícia Nascimento; 6. Capoeira Descolonizadora como epistemologia de resistência – Profa. e ativista Dai Sombra; 7. Interseccionalidades e o feminismo afrolatinoamericano no pensamento de Lélia Gonzalez – Profa. Dra. Denise Carvalho; 8. “Tá feita a quizumba”: debates sobre (re)apropriações tecnológicas e os ciberativismos de mulheres negras – Profa. Doutoranda Thiane Neves; 9. Expressões da Branquitude no Ensino Superior – Profa. Dra. Priscila Silva.

As escritas a partir em “escre(vivência)” (EVARISTO, 2005) estabelecem



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

fissuras nas narrativas midiáticas e sociais hegemônicas, possibilitando a construção de outros discursos, em que cada sujeito, em sua autonomia e complexidade, reivindica escrever a sua própria história em dimensões sociais, políticas e comunicacionais particulares. A experiência vivida é observada não só nos conceitos e nas teorias que cada docente traz nos módulos da Academia Preta, como também numa dimensão epistêmico-metodológica. Ela é também um horizonte fundamental de partilha e de formação individual e coletiva de cada cursista. Afinal, outro aspecto de relevância no projeto da Academia Preta é ser um espaço no qual as pessoas podem compartilhar experiências de vida diversas e, em alguns casos, cada módulo é também o momento no qual podem nomear determinadas situações opressoras, elaborar sobre elas e enfrentá-las.

4. O QUE A ACADEMIA PRETA NOS ENSINA SOBRE O FEMININO? ASPECTOS GERAIS SOBRE A TERCEIRA EDIÇÃO

A terceira edição contou com a mesa de abertura em formato híbrido – na tentativa de buscar novos formatos e linguagens para o curso, no momento em que a pandemia da Covid-19 passa a estar mais controlada devido ao processo de vacinação. Um ponto que merece ser destacado em relação ao curso de extensão é a natureza da continuidade. Como os módulos são diferentes a cada edição, temos cursistas que participaram das três edições. Inclusive, cursistas que se tornaram professoras do curso, o que confere um sentido de permanência do curso, de uma formação política cíclica e que se dinamiza a cada edição.

Essa edição também marca uma ampliação sobre as discussões em relação ao gênero. Nela pudemos contar com a participação de uma docente do curso de Comunicação – Jornalismo, da Universidade Eduardo Mondlane (localizada em Maputo/Moçambique), profa. Doutoranda Delfina Mateus, que abordou aspectos sobre as políticas públicas de inclusão digital descritas nos Objetivos para o



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

Desenvolvimento Sustentável - Agenda 2030. Esse plano de ação global define objetivos para a inclusão e alfabetização digital para o desenvolvimento sustentável e igualitário em âmbitos nacionais e internacionais. A Professora Delfina Mateus trouxe como exemplo as inúmeras disparidades em termos de acesso nos países que compõem a África Austral e que colocam em maior situação de exclusão e de vulnerabilidade as mulheres. Os aspectos de desigualdade foram apontados, sobretudo, no acesso e permanência em ambientes educacionais e em relação a políticas de saúde.

A terceira Academia Preta trouxe também uma diversidade de temas que também estiveram relacionados a processos de autodefinição, saúde mental e luta feminina pelos direitos básicos de cidadania como o da moradia. Ao todo, tivemos 9 módulos: 1. A brecha digital de gênero: um olhar na África Austral a partir dos objetivos para o desenvolvimento sustentável '4 e 5' – Profa. Doutoranda Delfina Mateus; 2. Colorismo, Interseccionalidade e Lugares fronteiriços – Profa. Dra. Fernanda Carrera; 3. Mulheres e mineração: processos de defesa do território-corpo-terra em contextos de violações aos direitos humanos e à natureza – Profa. Doutoranda Larissa Santos e Kelly Silva Barbosa - Liderança Comunitária do Corredor Carajás (Maranhão); 4. Afrofuturismo – Prof. Dr. Messias Franco; 5. Saúde mental de mulheres negras e Feminismo Decolonial – Profa. Dra. Priscila Rocha; 6. Infâncias negras - Profa. Dra. Sátira Machado; 7. Práticas afro religiosas, literatura e ensino de história: por uma Educação Decolonial – Profa. Doutoranda Laís Fialho. Além dos sete módulos, contamos com a abertura e o encerramento, realizados nesta edição em módulos separados no sentido de estimular e abordar outras dimensões epistêmico-metodológicas presentes, neste caso, nas apresentações teatrais e nas apresentações realizadas pelas convidadas.

Esse é outro aspecto que temos tentado não só abordar, como reivindicar na Academia Preta Decolonial: a prática de outras metodologias para além das



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

tradicionais dinâmicas realizadas na educação formal, onde um professor ensina e um estudante apenas observa, anota, escuta. Na Academia Preta somos estimuladas a pensar para além dessas bases e desenvolver um projeto educacional onde a dança, a música e a poesia se façam presentes e sejam também ferramentas metodológicas para compartilhar o conhecimento e os saberes diversos. Nesse sentido, por exemplo, um módulo da segunda edição “Capoeira Descolonizadora como epistemologia de resistência”, ministrado pela professora Dai Sombra foi todo realizado a partir de cânticos da capoeira, nos ensinando que para descolonizar nossos corpos e a nossa compreensão sobre gênero, por exemplo, precisamos também descolonizar como construímos nosso conhecimento sobre o mundo.

5. APRENDER A PARTIR DE SI: RE-DIRECIONANDO AS BASES DO SABER

A experiência (COLLINS, 2019) como horizonte metodológico de construção epistêmica é uma das bases principais do curso de formação Academia Preta Decolonial: epistemologias e metodologias antirracistas. O processo de construção de saberes que parte da observação da própria vida também dialoga com o que é proposto na perspectiva de aprender-sendo (SOUSA, 2021). A noção nasce, pois, do percurso analítico-interpretativo transmetodológico (MALDONADO, 2011) acerca das interconexões comunicacionais e de elaboração de saberes (GOMES, 2017) sobre si e sobre o mundo no processo formativo, ético-político e histórico de sujeitos que constroem conhecimento localizado a partir de outras bases e sob perspectivas. A partir das margens (COLLINS, 2016), provocam desestabilizações e movimentam as estruturas do centro.

É nesse sentido que a perspectiva de aprender-sendo dialoga com as ações da Academia Preta Decolonial: as teorias e metodologias elaboradas e



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

disseminadas através do curso nascem da dimensão das sujeitas políticas que dele fazem parte. É um saber próprio da dimensão de sujeitos, não exterior a eles. Aprender-sendo se detém sobre a dimensão epistemológica e descolonizadora de elaboração do saber (hooks, 2013; GOMES, 2017; COLLINS, 2019) pelo caráter autônomo e “dialógico” do “aprender” sobre si e a partir de si (FREIRE, 2017; 2018a; EVARISTO, 2009; 2015; 2017).

Nosso processo de educação e de socialização foi fundamentado na lógica colonizadora supremacista branca e masculina como forma de reforço a esse ideal hegemônico (hooks, 1995; 2013; 2020; GONZALEZ, 1988b; CARNEIRO, 2005; KILOMBA, 2019). O compromisso descolonial com o processo de educacional se nutre do diálogo (COLLINS, 2019; hooks, 2013; 2020), dos intercâmbios de saberes (GOMES, 2017) e da visão de mundo dos próprios sujeitos (hooks, 2020; 1995; GOMES, 2017; FREIRE, 2017; 2018a).

Aprender-sendo (SOUSA, 2021), nesse sentido, desestabiliza dogmas coloniais porque coloca em evidência que o aprender não se finda. Aprender sobre si é uma ação política e consciente de emancipação do sujeito, onde corpo, mente e espírito estão em mútua conexão no processo de aprender. Aprender-sendo (SOUSA, 2021) resulta, ainda, do movimento e da atitude “dialógica” e “colaborativa” (FREIRE, 2017) de produção de perspectivas de elaboração do saber que são políticas, sociais, econômicas, educadoras e mediadoras, sendo dimensionadas pelo saber que o sujeito elabora sobre si, sobre sua existência (EVARISTO, 2009; 2015; 2017). Desenvolvem-se pela interconexão entre raça e gênero (CRENSHAW, 2002; AKOTIRENE, 2019). Partem de complexos processos de consciência sobre as opressões e de jogos de resistência e enfrentamento a elas.

Assim, na Academia Preta os cursistas compreendem que o saber não precisa ser dado de cima para baixo, a partir de perspectivas duras e positivistas, mas que pode vir das experiências vividas, das dores, dos alentos e das



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

inquietações deles e delas, enquanto sujeitos e sujeitas no mundo. Neste sentido, trabalhamos continuamente para a construção de outras epistemes e bases metodológicas que transformem não só os cursistas, mas todas as pessoas envolvidas no projeto.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, A. S; FISCHMANN, R.. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005.Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COLLINS, P.H. **Pensamento feminista negro**. Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. In: **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 janeiro/abril 2016.

CURIEL, O. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLANDA, Heloísa Buarque et al (orgs). **Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

EVARISTO, C. Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, n. 25, v. 13, 2. sem., 2009b, p. 17-31.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. de B.; SCHNEIDER, L.(Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html>

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 2018a.

_____. 1921-1997. **Conscientização** [livro eletrônico]; tradução Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez, 2018b. Edição do Kindle.

GOMES, N. L.Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

_____. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

_____. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? In: **Rev. Bras. Educ.** no.21, Rio de Janeiro, Set./Dez. 2002.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino americano**. Zahar, 2020.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

hooks, bell. Intelectuais negras. In: **Estudos Feministas**, 465 N. 2/1995.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MALDONADO, A. E. Pesquisa em Comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: _____. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277-303.

MOURA, C. **Dialética Radical do Brasil Negro**. São Paulo: Editora Anita, 1994.

_____. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo. Editora Ática, 1988.

SANTANA, B. (Org.). **Vozes Insurgentes de Mulheres Negras**: do Século XVIII à Primeira Década do Século XXI. Belo horizonte: mazza edições, 2019.

SOUSA, L. L. de. Aprender-sendo: cidadania comunicativa e existências comunicacionais de mulheres negras de *Codó* e *Imperatriz*, no *Instagram*. **Tese (doutorado)** – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, 2021.